



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

## **ENTRE O TEMPO E A MEMÓRIA: A preservação da memória ancestral da nação Angola a partir da bandeira de Kitembo**

*ENTRE EL TIEMPO Y LA MEMORIA: La preservación de la memoria ancestral de la  
nación angoleña a partir de la bandera de Kitembo*

*BETWEEN TIME AND MEMORY: The preservation of the ancestral memory of the  
Angolan nation through the Kitembo flag*

Pedro Cabral<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O patrimônio cultural afrodiaspórico no Brasil constitui um campo significativo de intersecção entre memória, identidade e território. Nesse contexto, o espaço dos terreiros de Candomblé desempenha um papel crucial na preservação das tradições afro-brasileiras, transmitindo conhecimentos e valores entre seus praticantes. Nos terreiros da nação Angola, elementos simbólicos como a bandeira de Tempo, associada ao nkisi Kitembo, destacam-se na manutenção da memória e da identidade do grupo. A bandeira transcende sua materialidade, carregando significados profundos que conectam os praticantes à sua herança ancestral. Este artigo propõe uma reflexão sobre a bandeira de Tempo como elemento central na preservação da memória ancestral da nação Angola. A partir da espacialidade do terreiro Omariô de Jurema, situado na cidade de Barra Mansa/RJ, é realizada uma análise deste elemento presente no espaço do terreiro e as dinâmicas envolvidas, explorando o papel da bandeira como sustentáculo da memória do grupo étnico em questão.

**PALAVRAS-CHAVE:** candomblé; memória; símbolo; espaço; bantu.

### **RESUMEN**

El patrimonio cultural afrodiaspórico en Brasil constituye un campo significativo de intersección entre memoria, identidad y territorio. En este contexto, el espacio Candomblé terreiros juega un papel crucial en la preservación de las tradiciones afrobrasileñas, transmitiendo conocimientos y valores entre sus practicantes. En los terreiros de la nación angoleña, elementos simbólicos como la bandera Tempo, asociada al nkisi Kitembo, se destacan en el mantenimiento de la memoria y la identidad del grupo. La bandera trasciende su materialidad y conlleva significados profundos que conectan a sus practicantes con su herencia ancestral. Este artículo propone una reflexión sobre la bandera de Tempo como elemento central en la preservación de la memoria ancestral de la nación angoleña. A partir de la espacialidad del terreiro Omariô de Jurema, ubicado en la ciudad de Barra Mansa/RJ, se realiza un análisis de este

---

<sup>1</sup> Mestre em Patrimônio, Cultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ pedrotmcabral@gmail.com



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

elemento presente en el espacio del terreiro y de las dinámicas involucradas, explorando el papel de la bandera como soporte de la memoria del grupo étnico en cuestión.

**PALABRAS CLAVE:** candomblé; memoria; símbolo; espacio; bantú.

### **ABSTRACT**

Afro-diasporic cultural heritage in Brazil constitutes a significant field of intersection between memory, identity and territory. In this context, the space of Candomblé terreiros plays a crucial role in the preservation of Afro-Brazilian traditions, transmitting knowledge and values among its practitioners. In the terreiros of the Angola nation, symbolic elements such as the flag of Tempo, associated with the nkisi Kitembo, stand out in the maintenance of the memory and identity of the group. The flag transcends its materiality, carrying deep meanings that connect practitioners to their ancestral heritage. This article proposes a reflection on the flag of Tempo as a central element in the preservation of the ancestral memory of the Angola nation. Based on the spatiality of the terreiro Omariô de Jurema, located in the city of Barra Mansa/RJ, an analysis of this element present in the terreiro space and the dynamics involved is carried out, exploring the role of the flag as a support for the memory of the ethnic group in question.

**KEYWORDS:** candomblé; memory; symbol; space; bantu.

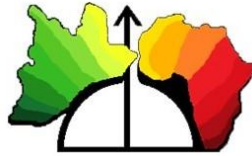
### **INTRODUÇÃO**

O patrimônio cultural afrodiaspórico no Brasil, especialmente no recorte do território do povo-desanto, é um campo fértil para a exploração das intersecções entre memória, identidade e espacialidade. Entre esses bens culturais, os terreiros de Candomblé se destacam como espaços que não apenas abrigam rituais e práticas religiosas, mas também desempenham um papel fundamental na preservação das tradições afro-brasileiras, transmitindo conhecimentos e valores entre gerações. Estes territórios, que se estabelecem enquanto materialização sociocultural de suas comunidades detentoras, atuam diretamente na construção das identidades destes sujeitos.

Ao direcionarmos nosso olhar para a espacialidade dos terreiros da nação<sup>2</sup> Angola, percebemos uma série de elementos fundamentais nos processos de preservação e manutenção da memória e da identidade do grupo étnico em questão. Nesse contexto, a bandeira de Tempo, enquanto um elemento simbólico do nkisi Kitembo, emerge como um artefato significativo na materialização das memórias da nação Angola, contribuindo para a construção de uma narrativa cultural que transcende a experiência cotidiana.

---

<sup>2</sup> As nações do Candomblé, de modo sintético, são segmentações que organizam suas tradições a partir da herança cultural dos grupos étnicos africanos do qual se originam. (LIMA, 1976)



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

O terreiro Omariô de Jurema, situado na cidade de Barra Mansa/RJ, serve como um espaço privilegiado para a análise das práticas de preservação da memória ancestral através de seus elementos arquitetônicos e simbólicos. A bandeira de Tempo, em particular, não é apenas um objeto decorativo, mas um elemento carregado de significado que conecta os praticantes à sua herança cultural. Sua presença no terreiro marca a identidade do grupo, afirmando e sedimentando uma série de valores e percepções das tradições bantu.

Este artigo propõe uma reflexão sobre as relações entre a bandeira de Tempo e os processos de preservação da memória ancestral da nação Angola, destacando a importância desse elemento na arquitetura do terreiro Omariô de Jurema. A partir de uma perspectiva que integra a teoria do patrimônio cultural afrodiaspórico e a análise das dinâmicas espaciais do terreiro, exploraremos como a bandeira atua enquanto um sustentáculo da memória étnica do grupo, agindo diretamente nos processos de manutenção de sua identidade e continuidade cultural. Assim, buscamos compreender não apenas o papel da bandeira como símbolo que compõe essa arquitetura, mas também a forma como ela se insere em uma rede de relações que sustentam e renovam a memória ancestral, contribuindo para a afirmação da identidade da nação.

## **A MEMÓRIA ANCESTRAL DO POVO-DE-SANTO**

Os africanos trazidos forçadamente para o Brasil durante o período da escravidão enfrentaram desafios profundos, incluindo a perda de seus laços culturais e identitários. No processo da diáspora, eles criaram um sofisticado sistema de culto, conhecido como Candomblé, que foi muito além das categorias ocidentais de religião. O Candomblé emergiu como uma estratégia de resistência, preservando e transmitindo a visão de mundo dos africanos em diáspora em um novo território marcado pela opressão. Através de suas práticas, esse sistema reconstituiu e atualizou os valores civilizatórios e a cosmovisão dos diferentes grupos que chegaram ao Brasil na condição de escravizados. Ao mesmo tempo em que reviviam suas práticas ancestrais, os sistematizadores do



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Candomblé elaboraram um espaço no qual suas memórias podiam ser ressignificadas e mantidas vivas, mesmo diante das tentativas de apagamento cultural.

A compreensão da memória produzida e reproduzida nos terreiros de Candomblé, passa, necessariamente, pela compreensão do lugar da ancestralidade na organização desta estrutura social, cultural e religiosa. De maneira geral, a ancestralidade ocupa um lugar fundamental na formação da identidade dos praticantes do Candomblé.

As práticas culturais e religiosas dos terreiros de Candomblé se organizam a partir da reprodução de práticas ancestrais. A maneira como o culto é conduzido, os elementos presentes nos ritos, enfim, toda a organização litúrgica, remonta ao modo como os africanos escravizados e seus descendentes organizaram e estruturaram as dinâmicas do Candomblé.

Percebemos, portanto, que o Candomblé cristaliza os valores civilizatórios, a cosmogonia e toda uma visão de mundo dos africanos escravizados e seus descendentes. Em solo brasileiro, estes ancestrais recriaram uma organização sócio-cultural, que sedimenta, a partir da espacialização dos ritos, a continuidade e manutenção dessa herança ancestral entre os seus descendentes.

Na perspectiva apresentada, compreendemos a natureza da memória do povo-de-santo enquanto uma memória ancestral. Sua natureza é ancestral porque ela se estabelece e se mantém a partir da perspectiva da ancestralidade e da reprodução de suas práticas. Essa memória, vivenciada e ressignificada no contexto das práticas cotidianas do Candomblé, cria um elo e coesão temporal entre o tempo presente e o tempo ancestral, em que a comunidade acessa ao conjunto de valores ancestrais que semantizam a prática e a própria existência do grupo.

Desta maneira, percebemos que a memória ancestral alcança diferentes escalas. De modo geral, veicula uma perspectiva de mundo dos africanos escravizados e seus



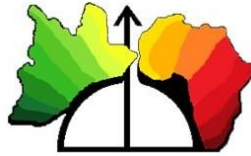
**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

descendentes na formulação do sistema religioso do Candomblé. Porém, ao ampliarmos as escalas, percebemos também que ela preserva a memória das diferentes etnias que deram origem às nações do Candomblé, e até mesmo das famílias que deram origem às casas tradicionais de culto. Essa memória veicula desde os feitos dos civilizadores africanos até a história das famílias fundadoras das casas matrizes do Candomblé, reforçando o vínculo ancestral que ordena toda essa cultura.

Tomemos como exemplo prático algumas situações rotineiras de um terreiro de Candomblé. Novamente, ao retornarmos às cantigas, percebemos que a partir da musicalidade transmitida oralmente são cantados os grandes feitos dos antepassados, as características particulares de cada divindade e os elementos que os distinguem. Neste momento, a partir do transe dos iniciados, as divindades se manifestam e revivem suas memórias junto à comunidade. Nesta situação, vemos a memória milenar dos cultos africanos serem revisitadas, a partir de uma nova vivência.

Em outra exemplificação, os idiomas tradicionalmente utilizados pelas diferentes nações ilustram as relações propostas. Apesar de seu caráter instrumental, os iniciados em uma determinada tradição do Candomblé, passam a se comunicar e a identificar determinados elementos a partir da língua de origem daquele povo. Nos candomblés de nação Angola, os idiomas mais utilizados são o Kimbundu e o Kikongo. A partir do seu uso, uma característica fundamental e identificadora de um determinado grupo social – sua língua – é revisitada e passa a se tornar viva nas práticas atuais da comunidade. Isso revela como a memória ancestral mantém viva as particularidades e especificidades de cada etnia que aqui chegou.

Por fim, ao nos aproximarmos de uma escala familiar, percebemos as maneiras pelas quais determinados traços dos antepassados são preservados a partir dos ritos. Cada casa ou raiz, como comumente são chamadas as casas tradicionais das matrizes do Candomblé, possuem especificidades na execução de suas liturgias que identificam hábitos e práticas de seus fundadores. A forma como uma determinada comida votiva é



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

preparada e montada, a utilização de determinadas insígnias e indumentárias, as sequências nos ritos executados, enfim, nas rotinas dos ritos e na sua repetição, a memória dos fundadores daquela família se mantém viva e se distribui por entre os seus membros, tornando-se uma experiência coletiva.

No entanto, é fundamental percebermos que o elemento que possibilita o acesso a essa memória ancestral é o rito espacializado. As ritualísticas desenvolvidas a partir da dinâmica do *nguzo/axé*, presentificam, efetivamente, essa memória nos lugares do terreiro. Os saberes e fazeres presentes nos ritos do terreiro são reproduções do modo pelo qual o ancestral realizava uma determinada prática e da forma como ele entendia aquela dinâmica. Neste sentido, o rito evoca a memória e materializa no presente uma prática ancestral.

O ritual é o componente estrutural do candomblé, e os ritos configuram-se como os principais elementos de construção da identidade e do ethos (modo de ser) de uma comunidade-terreiro. A prática ritual produz, potencializa e dissemina o axé por todo o espaço físico e por todos os membros da casa. (...) A realização dos rituais coloca em prática as verdades fundamentais dos mitos, entendidos como princípios originais e sagrados, que detêm aquilo que é “verdadeiramente real” (MATOS, 2019, p.128).

Em um desenvolvimento lógico, a partir da necessidade de manutenção da força dinâmica, entendida na comunidade objeto desta pesquisa como *nguzo* ou *asé*, toda ritualística se desenvolve. Esse estado ritual, que aqui compreendemos como um elemento fundamental na estruturação do sistema de culto do Candomblé, possibilita à comunidade a manutenção dessa memória ancestral.

Assim, ao analisar o dia-a-dia de um Terreiro de Angola, verifica-se como essa experiência simbólica ancestral se manifesta em vários momentos: 1 - o deitar-se com o umbigo no chão, como ato de religação com os antepassados; 2 - colocar o dedo sobre o chão e depois levar à cabeça, ação que não apenas cultua o mundo dos ancestrais, mas o liga com os Nkisis; 3 - o cantar do galo; 4 - os pés descalços como condição necessária para se ligar à ancestralidade. 5 - As danças da muzenza, direcionadas a terra; 6 - a interdição às muzenzas em se banhar nos mares durante um ano, pois acredita-se que suas águas (o kalunga) representam o lugar dos mortos, o cemitério (FIGUEIREDO, 2021, p. 176).



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Tomemos alguns exemplos de modo a ilustrar esta relação proposta na pesquisa entre memória, rito e *nguzo*. Inicialmente, partiremos dos processos iniciáticos enquanto exemplificação. Para tanto, iremos nos referir às práticas próprias do Omariô de Jurema, naquilo que pode ser divulgado, no contexto da pesquisa em questão.

Os ritos iniciáticos, de maneira geral, marcam a integração do indivíduo à comunidade do terreiro. Esse movimento se dá nos diversos níveis de relação, tanto na própria integração junto aos outros membros, quanto em relação à ancestralidade daquela família de santo. Aquele indivíduo somente passa a integrar aquela família, em uma concepção dogmática, a partir de sua iniciação.

Esse processo marca o nascimento de um novo *muzenza*. Na concepção da prática em questão, a partir de um chamado ancestral, o indivíduo dá lugar a um novo ser, que passará a constituir parte de uma coletividade, a partir dos vínculos criados com a sua divindade, com a família de santo e com a ancestralidade dessa família.

Durante o período da feitura, o neófito ficará 21 dias recluso, no espaço do *bakisi*, entendido como o útero do terreiro, passando pelos procedimentos litúrgicos, próprios do processo em questão. Neste período, o indivíduo passará a reproduzir um conjunto de práticas ancestrais que, a partir da estruturação dos ritos que acontecem naquele espaço, propiciará ao neófito o acesso à uma memória ancestral sobre determinados hábitos comuns aos antepassados daquele culto.

Essa relação se ilustra também em outros exemplos. As ritualísticas, de maneira geral, veiculam algum nível dessa memória ancestral. A ritualização da memória está presente no cotidiano do terreiro, que se dinamiza a partir da movimentação do *nguzo*.





SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

## A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ANCESTRAL A PARTIR DO ESPAÇO

Para compreensão das relações existentes entre o espaço destes territórios e os processos de produção e preservação da memória ancestral das comunidades de terreiro, partimos do entendimento da arquitetura dos terreiros enquanto um espaço ritualizado, que ganha funcionalidade e significação a partir da dinâmica dos ritos presentes dentro daquela tradição. Essa relação dialética entre rito e espaço faz com que a espacialidade seja semantizada a partir da perspectiva ritual, mas também conduza a presentificação dessa ritualística.

Não havendo um projeto arquitetônico, mas sim acontecimentos, constituídos por paixões, vontades, desejos humanos, divinos e dos ancestrais, a arquitetura deixa de ser em sua materialidade uma “coisa” estática, durável, pensada para resistir ao tempo. e passa a ser processo, com constantes metamorfoses, transformações, pura alteridade e movimento (VELAME, 2022, p.208).

Um dos aspectos dessa arquitetura que torna possível a análise das relações entre espaço e memória ancestral, refere-se exatamente aos elementos simbólicos presentes nessa arquitetura.

Para realizarmos tal análise, partiremos da concepção de símbolo. Clifford Geertz, em sua obra “A Interpretação das Culturas”, nos traz a seguinte definição:

(...) qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção - a concepção é o “significado” do símbolo (...) são formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixadas em formas perceptíveis, incorporações concretas de idéias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças (GEERTZ, 2008, p.68).

Neste sentido, os símbolos presentes na arquitetura do terreiro Omariô de Jurema, enquanto elementos de composição dessa espacialidade, são materializações significadas a partir de concepções presentes no sistema de culto do Candomblé. Estes símbolos traduzem ritos, mitos, cosmopercepções e diferentes concepções presentes nessa estrutura, que veiculam um significado a partir destes elementos.





**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
**Circulações e Produções Culturais Negras**  
**nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem**

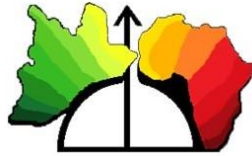
Nesta perspectiva, os símbolos do candomblé possuem uma relevância fundamental. Eles são formulações tangíveis de noções, abstrações de experiências, quer sejam religiosas, sociais ou individuais, fixadas em formas perceptíveis, incorporações concretas de idéias, atitudes, julgamentos, crenças, convicções e valores. Os símbolos configuram-se também como produtos de uma construção coletiva, tornando-se instrumentos e meios que possuímos coletivamente para expressarmos as nossas visões de mundo. Os símbolos do candomblé, em sua maioria, são produtos de uma concepção coletiva, recursos que as comunidades de terreiro utilizam para edificar o seu modo de ser e de estar presente no mundo (**MATOS**, 2019, p.212)

Sendo estes símbolos a significação de concepções sobre o sistema de culto de Candomblé, naturalmente eles se estabelecem como veículos de uma memória que constantemente se refere à ancestralidade. As memórias desses ancestrais, em suas diferentes escalas, são condensadas nestes símbolos, que comunicam as crenças presentes nesta estrutura social, cultural e religiosa.

A presença destes símbolos, portanto, não se estabelecem enquanto meros adornos. Para além, materializam valores e memórias que estruturam os ritos e orientam a comunidade. Estes elementos comunicam a liturgia presente e suas especificidades. Os símbolos podem ser compreendidos como peças fundamentais no processo de significação desse espaço no contexto da dinâmica ritual de manutenção do *nguzo*. Portanto, se estabelecem enquanto sustentáculos fundamentais no processo de preservação e produção da memória ancestral da comunidade em questão.

Os símbolos presentes na arquitetura dos terreiros, por se constituírem enquanto este elemento de significação e comunicação do espaço, e também por serem veículos de memória, são fundamentais na construção destes lugares, pois atuam na semantização deste espaço. O habitar do povo de santo é representado a partir destes elementos simbólicos e rituais, que auxiliam na construção dos lugares próprios presentes na Arquitetura dos terreiros. “Arquiteturas cuja distinção se dá pelos rituais e simbolismos específicos e particulares que constroem lugares próprios pelo ato de habitar, desvelando nesses lugares uma quadratura singular” (VELAME, 2022, p.40)

Um *ojá* que enfeita uma árvore sagrada, o *mariwô* sobre uma porta, as bandeirinhas que forram o teto do barracão, enfim, todos estes elementos simbólicos, para além do lugar de adorno espacial, se inserem nesta espacialidade de acordo com uma funcionalidade específica no sistema de significação dos ritos e do espaço.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

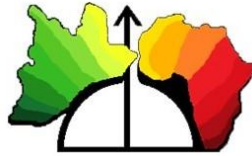
Percebemos, portanto, que os símbolos do espaço de um terreiro de Candomblé, que se materializam na arquitetura destes espaços, são veículos de uma memória ancestral daquela comunidade e guardam uma série de valores e significações que a todo tempo trazem a referência dessa ancestralidade.

## **A MEMÓRIA ANCESTRAL DA NAÇÃO ANGOLA E SUA MATERIALIZAÇÃO A PARTIR DA BANDEIRA DE KITEMBO**

Dentre os principais elementos materiais e simbólicos presentes nos territórios dos terreiros de Candomblés da nação Angola, a bandeira de Tempo, ou *Kitembo*, se destaca como elemento fundamental na construção da identidade dessa nação. O nkisi *Kitembo*, ou mesmo Tempo, possui um lugar de destaque no panteão das divindades cultuadas dentro dessa tradição, possuindo de “rei da nação” dentro de alguns terreiros.

O Nkisi Tempo tem seu culto estruturado, especificamente, no Candomblé de Nação Angola. Sua importância se inscreve por ser um elemento determinante para a diferenciação entre as Nações de Candomblé, de modo que se tornou símbolo identitário, reconhecido pela presença de uma bandeira branca erguida no local onde é cultuado. A presença desta bandeira garante a existência de uma expressão religiosa de matriz africana, bem como afirma que, naquele espaço ritual sagrado, existe a presença de fundamentos religiosos bantu, alicerce étnico constituinte do Candomblé de Nação Angola. Deste modo, todo Terreiro de Candomblé que afirme seu pertencimento à Nação Angola, obrigatoriamente deve cultuar o Nkisi Tempo (MACHADO, 2015, p.72).

Essa divindade se caracteriza por uma teia de relações que o fazem possuir domínio sobre elementos fundamentais na construção da cosmo percepção destes grupos. O seu domínio sobre o tempo cronológico e os ciclos temporais, fazem dessa divindade o grande responsável pela percepção temporal dentro dos terreiros da nação Angola. Tal percepção é guiada a partir da compreensão da vontade dessa divindade sobre o desenrolar dos fatos e as relações cíclicas existentes entre as concepções de presente, passado e futuro. Existe uma expressão comum na comunidade objeto desta pesquisa que diz que “Tudo para Tempo tem tempo”. A partir dessa expressão, percebemos que os ciclos e seus movimentos dinâmicos se desenrolam a partir do domínio dessa



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

divindade. A compreensão sobre o caráter implacável de seu desenrolar, demonstra que essa divindade estrutura toda a dinâmica existencial do grupo em questão.



Figura 1: Bandeira de Kitembo do terreiro Omariô de Jurema. Fonte: Acervo do terreiro Omariô de Jurema

Outro elemento que se compreende como domínio de Tempo, e que se relaciona inclusive com a percepção dos ciclos temporais, é o ar atmosférico. Kitembo é compreendido nesta tradição também como o próprio vento. Sua presença se dá no aparente vazio, mas que se faz visível pelo movimento do ar. Essa percepção implica em uma particularidade de culto muito característica dessa divindade, que consiste no fato de toda sua estrutura ritual ser realizada ao ar livre. A instalação espacial deste *Nkisi* do lado de fora das construções, para além da própria dinâmica de movimentação de seu nguzo, representa a sua presença a partir de seu domínio natural sobre o ar.

É difícil hoje em dia algumas coisas serem cantadas, mas tem um cântico, em português que fala: “Tempo não tem casa, ele mora na rua, a morada dele é o clarão da lua”. Ele não tem casa, ele fica do lado de fora, a morada dele é o próprio tempo. Qualquer lugar que você vá ele não vai estar fechado. Ele é o ar atmosférico, ele precisa vibrar pra mostrar a direção. Ele é o próprio vento. Como



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

que você prende o vento? Como você prende a existência da vida? Então, esse espaço aberto é a própria existência dele. Nós aqui conversando somos ele. O nascimento de uma criança é ele. O último suspiro da vida é ele. É ele na chegada e ele na despedida. Ele no espaço é o próprio ar.<sup>3</sup>

Se Tempo é o grande responsável pela percepção temporal dos Candomblés da nação Angola, sua relação com a memória dessas comunidades se faz de maneira consequente. Entre os elementos que são evocados no culto a este *Nkisi*, um destes elementos é a própria presentificação da memória. Tempo é o responsável pela conexão do tempo presente com o tempo ancestral. É a partir dessa temporalidade própria que a ancestralidade se conecta com a comunidade.

O culto à memória consiste em uma das premissas que norteiam a estrutura religiosa do Candomblé, pois é nela que o indivíduo subverte a morte, tornando sua existência infinita. A lembrança daquele que se foi é sagrada e guardada, no caso de algumas Casas de Angola, por Kitembo. Esse *Nkisi*, segundo os relatos, torna-se o guardião da memória ancestral. Todos os *Vumbes* que atravessam os portões de Kitembo entram no mundo invisível e imortal da memória (FIGUEIREDO, 2021, p. 147).

Neste sentido, *Kitembo* representa, em sua essência, a vinculação da comunidade com a memória ancestral. Essa relação é materializada a partir de elementos simbólicos que compõem o seu espaço de culto e o seu assentamento. Neste conjunto de elementos podemos perceber a presença de escadas, que simbolizam a conexão entre o tempo do ancestral e o tempo presente, e também a própria passagem do tempo; a grelha, que pode ser compreendida também como um símbolo das transformações possibilitadas pelo movimento do ar; cabaças, que são entendidas como símbolos do universo e mimetização em uma micro escala do próprio mundo; e a bandeira de Tempo, que se destaca no espaço e possui grande representatividade para a Nação.

A bandeira de Tempo, no contexto do Omariô de Jurema, em relação ao conjunto material que compõe este símbolo no espaço, consiste em um mastro de bambu que é fixado ao lado do assentamento da divindade, no espaço do terreiro dedicado à *Kitembo*, junto a um pé de aroeira

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada com *Tata Kisanje*, no ano de 2023, no Omariô de Jurema, Município de Barra Mansa/RJ.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

(*Schinus terebinthifolia*) que existe no local. No topo do mastro, encontra-se uma bandeira produzida em um tecido de algodão na cor branca.

A bandeira é o principal símbolo de representação e materialização da presença da divindade em questão. O primeiro aspecto veiculado por este elemento, que já apontamos no início da discussão, é a própria identidade daquela comunidade.

Se você for em qualquer casa de Candomblé, você vai ver a diferença do tamanho, dos acessos, mas basicamente você vai ver os mesmos espaços, com aquela constituição básica. Mas no espaço, o Candomblé de Angola vai se diferenciar de todos os outros é a conexão com Tempo. Isso que caracteriza uma casa de Angola. Você olha aquela bandeira, que traz um significado, então você olha de longe e vai saber que aquilo ali é uma tradição específica.<sup>4</sup>

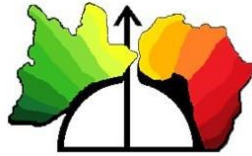
Quando se avista a presença de uma bandeira branca em um terreiro de Candomblé, naturalmente associa-se que naquele espaço, sob alguma medida, existe uma tradição que assimila elementos próprios à tradição das nações Kongo/Angola. Portanto, esse aspecto por si só já veicula uma memória sobre um grupo específico e compõe a identidade das comunidades que portam este símbolo. Existem cantigas que exaltam a nação através da presença da bandeira de Kitembo enquanto um elemento identitário. Uma dessas cantigas, muito entoada pelos Caboclos, diz justamente sobre isso:

*Tata Kitembo me deu uma bandeira  
Tão branca como a de Lembá  
Pra quem de longe olhar pra ela  
Saber que a casa é de Angolá  
Ai ai a minha Angola  
Ai ai meu Angolá*

Para além da sua presença enquanto elemento identitário da nação, ela guarda simbolismos mais específicos. A bandeira de Tempo, de acordo com as histórias que são contadas no terreiro Omariô de Jurema, era utilizada entre algumas tribos da África

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada com *Tata Kisanje*, no ano de 2023, no Omariô de Jurema, Município de Barra Mansa/RJ.



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

central que cultuavam esta divindade, para indicar a direção onde estes grupos encontrariam vida abundante, através da água, da caça, do plantio. Nesse sentido, a presença da bandeira no terreiro em questão, simboliza justamente a presença destes elementos produtores de vida naquele espaço. Dessa maneira, ela guarda uma memória transatlântica a partir de sua materialização.

Para além, dentro da concepção ritual, a bandeira marca a presença do próprio Nkisi a partir de seu movimento. Quando o vento faz a bandeira flamular, a comunidade entende que ali se presentifica o Tempo em sua natureza primária. Neste momento, a conexão material com o nkisi é estabelecida a partir deste elemento simbólico.

Sua presença também marca o caráter de renovação e transformação presente na concepção temporal da comunidade. Esse elemento material, que fica exposto às intempéries do tempo, passa por processos de transformação que marcam a passagem do tempo, e que se renovam nos ritos de troca dessa bandeira.

O Nkisi Tempo desvela-se como vento, por meio do flamular da bandeira branca, com a qual as pessoas estabelecem um diálogo com o próprio Tempo. O Tempo não para, o vento não para, e a bandeira ao flamular é um filtro que se transforma por conta do sol, da chuva, do vento, da poeira, mas não se desintegra. Assim como o Nkisi Tempo, a bandeira se renova. A troca da bandeira ocorre no dia da festa de Tempo, normalmente, no mês de agosto, agosto que é tempo de vento (MACHADO, 2015, p.140).

A bandeira de Tempo, portanto, se constitui como um elemento simbólico fundamental na manutenção da memória ancestral vinculada à comunidade a partir da percepção envolvida no que tange à essência dessa divindade. É um elemento dessa arquitetura que se coloca enquanto marco identitário, preservando uma série de crenças a partir do símbolo em questão.

Dessa maneira, a bandeira de Kitembo e seu espaço de culto, a partir da percepção proposta sobre os níveis ou escalas da memória ancestral, se constituem enquanto um lugar próprio, dotado de uma significação específica, que atua na preservação da





SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

memória da nação Angola. A bandeira enquanto marcador identitário, sua representação de orientação das tribos centroafricanas e a concepção temporal existente no seu flamular e em sua renovação, são memórias produzidas e preservadas a partir dessa espacialidade e de seus elementos de composição.

## REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Janaína de. **Nação Angola**: Caboclos, Nkisis e as novas mediações. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : LTC, 2008.  
LIMA, V. da C. **O conceito de Nação nos candomblés da Bahia**. Afro-Ásia, Salvador, n. 12, 1976.

MACHADO, Veridiana Silva. **O cajado de Lemba**: O tempo no candomblé de nação Angola. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2015

MATOS, Denis Alex Barboza de. **A Casa do Velho**: o significado da matéria no Candomblé. Salvador: EDUFBA, 2019

VELAME, Fábio Macêdo. **Arquiteturas crioulas**: os terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Félix. Salvador: EDUFBA, 2022.